

Impactos que geram impasse frente à vulnerabilidade psicossocial¹

Alice Becker Lewkowicz,² Porto Alegre

Alida Vitória Álvares Fuhrmeister,³ Porto Alegre

Denise Vivian Lahude,³ Porto Alegre

Josênia Heck Munhoz,³ Porto Alegre

Leonor d'Avila Brandão,³ Porto Alegre

Suzana Deppermann Fortes,² Porto Alegre

O artigo utiliza o mito de Sísifo para ilustrar o trabalho que um grupo de psicanalistas da SPPA realiza desde 2006 em parceria com a SMED (Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre) e, a partir de 2013, com o Projeto Pescar/POA. Apresenta uma contextualização e relato de ambas as experiências através de vinhetas. Salienta que este trabalho, fora dos consultórios, desperta muitas inquietações e sentimentos de impotência. Obriga-nos a sair da posição do saber até a de sentir o desamparo frente à extrema violência. A banalização da violência tenderia a prejudicar nossa escuta? Primo Levi (1988) e Boris Cyrulnik (2009), que sobreviveram aos campos de concentração, nos ensinam a importância da palavra para dar um sentido possível ao sem

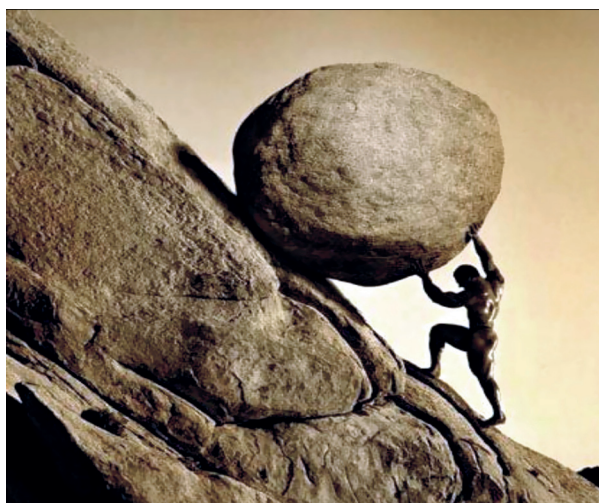
¹ O presente artigo trata da experiência em parceria da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) junto à Secretaria Municipal de Educação (SMED) com o apoio dos colegas Mery Pomerancblum Wolff (Coord. pela SPPA), Maristela Priotto Wenzel, Alida Vitória Álvares Fuhrmeister, Maria de Fátima L. C. Freitas, Carlos Augusto Ferrari Filho, David Simon Bergmann, Carmem Emilia Keidann, Carla Brunstein, Suzana Deppermann Fortes, Denise Vivian Lahude, Rosângela Costa, Joyce Goldstein, Luciana Aranha Secco, Alice Becker Lewkowicz (Coord. pela SPPA), Maria Cláudia Bombassaro (Coord. pela SMED) e junto ao Projeto Pescar com o apoio dos colegas Maria Elisabeth Cimenti (Coord. pelo Pescar), Heloisa Cunha Tonetto, Ivani Teresinha Bressan Valentini, Leonor D'Avila Brandão, Luciana Aranha Secco, Magali Fischer, Marcelo Garcia Vaz, Suzana Iankilevich Golbert e Josênia Heck Munhoz.

² Membros associados da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

³ Membros aspirantes da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

sentido; destacam a possibilidade de mudar o sentimento íntimo de uma pessoa a partir do relato de suas experiências. Nos grupos de adolescentes, nos encontros com as famílias do Projeto Pescar e nas rodas de conversa com educadores e assessores da SMED, tentamos criar um espaço transicional que favoreça a criação de metáforas possíveis que ampliem a capacidade dos sujeitos de dar conta de seus impasses (Botbol, 2013).

Palavras-chave: desamparo, violência, impasse.



Google Imagens, 2016

A escolha desta imagem foi motivada pela lembrança do absurdo existencial proposto por Camus (2010) e a solução encontrada por ele. Para Camus, a questão fundamental da filosofia é o sentido da vida. Saber se a vida vale ou não a pena ser vivida é o único problema filosófico verdadeiramente sério. E a falta de um sentido superior para a vida é um convite a seu aniquilamento. A constatação do absurdo essencial do mundo e a superação de um convite ao suicídio são os dois polos condutores de seu ensaio *O mito de Sísifo*.

O absurdo existencial diz respeito à vida, que é um caminho que nos conduz à morte. Viver já constitui um impasse existencial, uma situação sem solução favorável.

A Camus interessa extrair deste absurdo suas consequências coerentes, que não sejam infiéis à lucidez que o revelou. Quando um homem se divorcia da vida, o suicídio aparece-lhe como solução, e é precisamente a relação entre o absurdo e o suicídio, na medida em que o suicídio é a solução do absurdo, o tema de seu ensaio. A lógica de Camus leva-o a extrair três consequências do absurdo: minha *rebelião*, minha *liberdade* e minha *paixão*. Viver é propriamente experimentá-las. Elas transformam em regra de vida o que era convite à morte e não admitem o suicídio. O homem absurdo esquece o eterno e vive intensamente sua vida perecível, isto é, a *rebelião*, a *liberdade* e a *paixão* que entranha. O absurdo implica um aumento de vida e liga-nos à terra com um laço mortal. Sísifo foi condenado pelos deuses a carregar, sem cessar, infinitas vezes, uma pedra até o alto de uma montanha de onde ela voltaria a cair arrastada pelo próprio peso. Este trabalho inútil e sem esperança é o destino do homem absurdo. Mas, para Camus, Sísifo interessa no seu regresso ao pé da montanha, nessa pausa em que toma consciência de sua condição. Assim como Sísifo volta à sua pedra, o homem volta para sua vida. Assim como é inteiramente humano o esforço do herói, é inteiramente humana a origem de todo o humano e, só, o homem absurdo retoma sua vida numa noite que sabe sem fim (Maciel, 1959, p. 58-59).

Camus (2010) encerra seu livro:

Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e levanta as pedras. Ele também julga que tudo está bem. Doravante, este universo sem amo não lhe parece estéril nem fútil. Cada um dos grãos desta pedra, cada pedaço mineral desta montanha cheia de obscuridade forma por si só um mundo. O próprio esforço para chegar ao cimo basta para encher um coração de homem. É preciso imaginar Sísifo feliz (p. 124).

Sísifo tornou-se conhecido por executar um trabalho rotineiro e cansativo. Tratava-se de um castigo para mostrar-lhe que os mortais não têm a liberdade dos deuses. Os mortais têm a liberdade da escolha, devendo, pois, concentrar-se nos afazeres da vida cotidiana, vivendo-a em sua plenitude, tornando-se criativos na repetição e na monotonia. O exemplo deste personagem da mitologia representa o trabalho que a SPPA realiza com o Projeto Pescar e, há dez anos, em parceria com a SMED.

Projeto Pescar

Nosso grupo iniciou em dois mil e treze com a atividade vinculada à FEPAL: *A SPPA de portas abertas*. Verificamos que a proposta de os participantes virem até nossa instituição não era a melhor. Surgiu, então, a possibilidade de parceria com o Projeto Pescar, um grupo que trabalha com profissionalização de jovens em situação de vulnerabilidade. Este projeto é vinculado a diversas empresas e instituições no Brasil e no exterior.

No desejo de construir esta nova proposta, um grupo de psicanalistas da SPPA aceitou o desafio. O trabalho iniciou com grupos mensais de adolescentes e concomitantes grupos com os pais destes jovens. Neste começo, propusemos a exibição de filmes escolhidos por nós e debatidos posteriormente nos grupos. A principal sugestão foi *Antes que o mundo acabe* (Azevedo, 2010). No decorrer do trabalho, os jovens manifestaram suas vontades em escolher os filmes que pudessem representar, de forma mais verdadeira, a realidade vivida por eles.

O pedido dos adolescentes nesse momento causou importantes questionamentos e reflexões. Capturadas pelo desconforto e certo estranhamento, compreendemos que estávamos profundamente em posição de defesa. Iludidas, quem sabe, em nosso suposto conhecimento do humano, ou em um suposto *lugar protegido/psicanalítico*?

A recusa da escuta, de olhar as imagens projetadas na tela dos filmes da vida daqueles jovens, poderia estar representando a nossa própria banalização do mal? A maldade sempre está no outro e não em nós? Lembramos o dito/mito popular: *O perigo mora ao lado*. Estar ao lado, próximo, mas não em nós. Aos nossos olhos e ouvidos, a barbárie situa-se lá, longe, no outro, o estranho, o diferente de nós. Para o poeta Saramago (1995), somos todos cegos de nascença. Então nos perguntamos: do quê e por que estaríamos nos defendendo? E como ajudar os jovens, os pais e nós mesmos a dar sentido, a não ficarmos impactados, estagnados frente à violência, à desumanização?

Percebemos que, na realidade, não tínhamos ideia da dimensão da dor, da angústia e do desamparo vividos na pele, sentidos na alma do dia-a-dia desses adolescentes e de suas famílias. Nos grupos, a violência, o tráfico, as drogas, as mortes, a vulnerabilidade se faziam presentes em ruídos, gestos incompreendidos em lugar de suas vozes. Aos poucos, foram tomando forma, tomando corpo, tocando e se deixando serem sentidas, faladas por todos nós. Compreendemos que é somente através da palavra, das relações *linguageiras* construídas nos grupos com os adolescentes e grupos de pais, que o irrepresentável, os buracos vazios advindos da barbárie podem encontrar um *acontecer* simbólico dando sentido a

um existir, a um *ser*. Na *historização* de suas próprias vidas e no pertencimento ao devir de uma humanização.

Nos grupos com os pais, tornavam-se evidentes suas preocupações com o futuro dos filhos frente à realidade social, também motivadas pelo local onde vivem. A questão das drogas é aterrorizante, e os pais se sentem reféns de uma realidade violenta difícil de lidar, dar-lhe um sentido, nomear.

Concomitante a nossa maior proximidade nos grupos com os jovens e pais, a equipe responsável pelo Projeto Pescar, professores e assistente social, nos pede ajuda para compreender algumas situações de alunos. Sentiam-se perdidos, perplexos, por exemplo, frente ao roubo de um computador do professor que permanecia mais tempo com as turmas. A suspeita recaiu sobre um dos meninos, fato que fragilizou a todos. Percebemos que a instituição vivia um momento de desorganização, com certo desencanto e desesperança. Talvez pudéssemos caracterizar esse momento como *contaminação* da depressão.

Contudo, foi interessante o desenvolvimento destas ocorrências e seus efeitos para o nosso grupo de psicanalistas que trabalha no projeto. No encontro posterior a estes fatos, estávamos dispersivas, com dificuldade para objetivar e unificar nossas tarefas e informações. Percebemos assim que, também em nossa equipe, passávamos por um intenso – e novo – momento de desorganização e de angústia. Parecíamos *descosturadas*. Nossas emoções, apesar de ainda não evidenciadas, estavam à flor da pele. Foi necessário parar e nos observarmos. Ao refletirmos sobre o que acontecia nos demos conta de que era possível que, além de nossas próprias angústias, a dispersão como equipe também se devesse ao momento vivido pela instituição a que assistíamos. Detectar isso foi transformador, pois nos foi possível retomar nossa capacidade de pensar os conflitos.

Percebemos que, frente às circunstâncias, precisaríamos ampliar o foco de nosso trabalho. Quando solicitara a nossa presença em sua reunião, a equipe que atendia diariamente os jovens e seus pais vinha manifestando sua própria sensação de desamparo e angústia pela falta de compreensão e intensidade das emoções. Assim, os membros da equipe também precisavam que nós assistíssemos a eles. Ao conversarmos, entre nós, sobre o roubo ocorrido nas instalações do projeto e sobre o fato de a suspeita recair sobre um ex-aluno, nos lembramos de que, no primeiro filme passado para a turma de 2013, havia uma cena de roubo de um computador por um dos adolescentes na escola. O roubo nos pareceu uma reprodução daquela cena do filme. Pensamos que, uma vez confirmada a suspeita, tal roubo poderia conter um pedido de socorro do menino. Compreendendo o roubo como uma comunicação do jovem, encontramos como significado seu pedido de ajuda através da atuação de uma situação-limite.

Retomamos em 2015 e em 2016 em duas novas unidades do Pescar com novas questões. Estaríamos preparadas? Apreensivas, a despeito das experiências anteriores, não tínhamos ideia de que tipo de população encontraríamos. Propusemos então um jogo, no qual cada um escreveu um segredo num papel sem identificação a que outro colega responderia, como se fosse dele, este segredo ou problema. Surgiram questões impactantes: “– Será que devo procurar meu pai que nunca quis saber de mim”? Ou a de um menino que relatou o assassinato cruel do irmão menor “ao lado da casa” onde moram e sua impotência e desamparo frente à tamanha brutalidade, a situações que revelam a vulnerabilidade deles e as nossas. Para nós se faz impossível discernir entre o real e o imaginado; parece-nos haver uma relação direta entre os impactos que sentimos diante de constatações tão tristes e as nossas emoções primitivas.

O trabalho com o grupo deste projeto social nos coloca frente a lugares diferentes de nossa rotina diária, jamais pensados ou imaginados. Saímos de um lugar seguro e, a cada nova situação, há a exigência de que nos situemos interna e externamente em busca de compreensão. Muitas vezes surgem, internamente, no contato com estes jovens e seus relatos. Muitas sensações que não fazem parte do nosso dia a dia são motivos para que nos avaliemos a cada encontro, divididos entre períodos de compreensão e de incompreensão.

Dedicamos, pois, nesta atividade, mais atenção às nossas sensações, aos sentimentos e pensamentos, procurando nos mantermos sensíveis aos limites das nossas possibilidades de intervenção, que se dá apenas através de um encontro mensal com cada grupo. As vivências e os sentimentos pessoais de angústia, culpa e dor com que nos confrontamos no contato com realidades muitas vezes cruéis nos convocam, cada vez, a revisarmos os parâmetros com que vínhamos trabalhando. Fomos levadas a pensar em nosso papel na prevenção da saúde mental destes grupos, cujos indivíduos têm vidas familiares conflituosas, traumatizados que são pelas experiências de violência e de proximidade com drogas e tráfico.

O choque com estas realidades quer através de olhares, quer através de ruídos na sala, ou das diferentes formas de linguagem, é contrabalançado pelo sorriso aberto desses jovens, sorriso que aparece quando se sentem respeitados, olhados por nós. A complexidade desta experiência nos enriquece, e é fundamental que façamos uma leitura profunda e constante de todo o nosso processo, pois isto permite dar nome e significado a situações tão dramáticas e complexas. O trabalho junto a uma população mais vulnerável nos coloca diante de questões tais como quais nossos limites, internos e externos, quais os limites das nossas teorias e práticas e também quais aqueles advindos das realidades que vivemos? Quais nossos alcances?

Síntese do Projeto SMED/SPPA

Desde 2006 um grupo de psicanalistas da SPPA mantém com a SMED uma parceria de trabalho junto às Instituições de Educação Infantil com a chancela da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Estas instituições nasceram em comunidades de baixa renda. Acrescente-se que, durante esses anos, o trabalho com os educadores transformou-se, partindo de um formato de curso, em que cada psicanalista discorria sobre aspectos básicos do desenvolvimento infantil, até chegar aos nossos dias com o trabalho se desenvolvendo conforme o modelo de *Rodas de conversa*, em sua quarta edição, denominação proposta informalmente pelas educadoras e prontamente acolhida por nós, o que já indicava o convite para que horizontalizássemos o encontro, delas nos aproximando no grupo.

Atualmente cada encontro consiste de um módulo no qual o grande grupo se encontra no auditório e um educador apresenta, como mote das rodas de conversa, dispostas em pequeno grupo em salas separadas, um fato-problema de seu cotidiano, seguido do comentário de um assessor e finalizando com o de um psicanalista.

Ao longo deste tempo nos perguntamos, constantemente, se o que fazíamos era psicanálise. Lemos muitos livros e artigos e escrevemos alguns trabalhos. Mas sempre esteve presente em cada um de nós e no grupo como todo, um rumor de fundo, ou seja, nossa inquietação frente à violência presente nas narrativas do dia-a-dia de trabalho destas educadoras. A partir do momento em que nos deslocamos da posição do *saber*, fomos surpreendidos por sentimentos de perplexidade e impotência frente aos relatos de como viver um dia na pele destas educadoras.

O ápice deste estado de coisas se deu no final de 2014, numa reunião de planejamento da parceria SMED/SPPA, quando se noticiou o fato de que uma educadora de escola infantil havia agredido alunos na *hora do sono*, atirando-os, como sacos de batata, sobre colchonetes, gritando ameaçadoramente com eles. Colegas da educadora filmaram a cena, veiculando-a no *you tube*. Assistiu-se ao filme e, à reação indignada do grupo, somou-se ainda outra surpresa: a descoberta de que a educadora participara de uma das rodas de conversa daquele ano. Soubemos, a seguir, ter sido, de imediato, expulsa da escola e impedida de participar das próximas rodas.

Decorreram desta experiência inúmeros questionamentos na busca de compreender como esta violência não fora percebida por nós. Sendo a *escuta* nosso mais legítimo instrumento de trabalho, o que teria escotomizado esta percepção? A banalização ou naturalização da violência banalizaria também nossa escuta da mesma? Diante das perguntas que se multiplicavam em meio à atmosfera de perplexidade, concluímos que era hora de acolher a violência.

Para iniciar esta tarefa, nos cabia pensarmos em nós como parte do grupo envolvido nesta experiência, SPPA/SMED e educadores, reconhecendo nossa tendência a expulsar o *mal* para *construir a paz*, em vez de acolher a violência e transformá-la a partir da atribuição de significados e pensamentos até o encontro de ações reparadoras. Falhamos e foi precisamente esta *falha* que impulsionou nossas reflexões sobre nosso alcance e nossos limites para lidarmos com a violência neste projeto.

Por um lado – racionalizamos – como haveríamos de *perceber* ou *escutar* esta violência em grupos tão pouco frequentes, apenas oito em cada módulo? Tomamos conhecimento do fato de que o comportamento daquela educadora de forçar as crianças a dormirem não era um fato excepcional, mas banal. Não haveria estrutura nos grupos – um *setting* – e confiança no vínculo propício à expressão dos sentimentos ligados ao trato com as crianças e mesmo um *processo*, um tempo para acolhermos tais revelações! A verdade, admitimos, é que não podemos captar tudo o que acontece num grupo. Mas também é verdade que, tendo conhecimento básico do funcionamento de grupos, não ignorávamos que, uma vez relatadas violências de pais contra filhos e educadores, de traficantes contra a comunidade, de educadores contra colegas, de lideranças da comunidade contra educadores, etc., dedicamos mais atenção ao fato de a população sofrer abusos e maus tratos e não contemplamos a possibilidade de ação violenta dos próprios educadores. E também da nossa, nos omitindo em trazer o tema para dentro do grupo. Haveria um acordo inconsciente, ou mesmo tácito, de se dissociar a violência do todo, identificando-a fora do grupo nos pais negligentes, nos traficantes da região e noutras instâncias depositárias dessas projeções? E por quê?

Não tínhamos ideia de que, ao iniciar-se o Projeto, nos depararíamos com relatos de tamanha opressão. Tudo começou como uma capacitação, em que psicanalistas apresentariam noções sobre o desenvolvimento da criança, numa relação em que a lógica era dos que sabem para os que aprendem, isto é, uma aliança de sujeição que negaria os saberes de cada uma das partes que devem, para a criatividade do encontro, constituir um terceiro; o espaço das trocas e não o reforço da linha de demarcação. Reconhecemos que não estávamos tão disponíveis quanto desejávamos. Se, para os educadores, a violência vivida os impacta, nós nos evadimos só os ouvindo. Criou-se, assim, o impasse que gerou as reações defensivas.

Considerações gerais

Nestes dois relatos de experiências com especificidades distintas cabe entender em que e como elas se entrelaçam. Primo Levi (1988), que sobreviveu aos campos de concentração, a partir da experiência do horror nos ensina a importância de se poder falar, a importância da palavra para dar um sentido possível ao sem sentido e à fúria que encarna o trauma. Despojado de sua condição humana, a sobrevivência ao horror só tem sentido de ser para depois ser narrada. Também Boris Cyrulnik (2009), ao tentar metáforas teóricas para sua própria experiência como criança judia na França ocupada pelos nazistas na II Guerra, escreve:

É possível modificar o sentimento íntimo de uma pessoa agindo sobre os relatos que a cercam, tanto sobre o que é dito como sobre o modo de dizê-lo. A retórica, ao dar uma forma verbal e gestual aos acontecimentos que ela conta, estrutura a intimidade dos indivíduos (p. 5).

Ao propiciarmos os encontros entre adolescentes e com suas famílias (Pescar), entre os educadores e assessores (SMED/SPPA), entre os psicanalistas, tentamos criar um espaço transicional que favoreça a criação de metáforas possíveis que ampliem a capacidade dos sujeitos de dar conta de seus/nossos impasses (Botbol, 2013; Winnicott 1975).

Trabalhar com pessoas, em meio a expectativas e a frustrações necessárias, sempre carrega um potencial traumático. No caso destes educadores e adolescentes, sujeitos a pressões de diversas naturezas, desde o encontro com crianças negligenciadas, abusadas, num meio social mergulhado na ditadura do tráfico, com todos os riscos de vida implícitos, somados às pressões dos pais e coordenadores das escolas de educação infantil e de segundo grau, sujeitos também estes às demandas superiores da SMED e do Pescar, cria-se um caldo de cultura para o desespero e eventuais ações violentas dirigidas às próprias crianças, adolescentes, seus pais e colegas e contra elas mesmas. Nós, psicanalistas, sentimos premente necessidade de nos reunirmos após as rodas para compartilhar os relatos ouvidos no dia.

Todos os que *cuidamos de*, precisamos de um espaço para sermos *cuidados por*, assim conferindo novos significados às nossas experiências. Se a psicanálise tem sentido, o mais importante é conceder ao outro a possibilidade da palavra, da expressão, em nossa presença sensível e pensante (Dolto, 2015). A responsabilidade social de uma instituição, que a leva a intervir no outro, no caso de nossa instituição psicanalítica consiste exatamente no oposto, em sofrermos ativamente a intervenção do outro, capacidade necessária à criação do espaço potencial, o terreno das

interações onde se dá o jogo, com fronteiras indeterminadas, onde se faz a realidade de nosso trabalho. Aprendemos com nossa experiência até agora, dentre tantas lições, a mais importante, talvez, que é a de, antes de impormos nossa palavra e o peso de nossa importância, procurarmos nos deixar encarnar pela palavra de nossos educadores e adolescentes.

Odilon de Mello Franco Filho (1994) fala sobre a mudança psíquica e as transformações que ocorrem na mente do analista. O autor propõe situar tais mudanças como decorrentes de uma posição no campo que não é acidental e resulta do exercício de uma *neutralidade ativa*. Pensamos que, de certa forma, isto ocorre em nossas mentes nas rodas de conversa e grupos com adolescentes, na medida em que envolve uma *disponibilidade para o novo* e, assim, nossos valores e identidade são colocados em risco sendo, conseqüentemente, passíveis de mudanças. Somos *participantes-constituintes* do campo que se estabelece nos grupos. Não se trata de uma contemplação asséptica, mas de uma participação com nossas subjetividades em um campo que nos desconcerta e desorganiza.

Na medida em que participamos e nos envolvemos nas rodas de conversa com uma atitude receptiva e garantindo certa estabilidade e continuidade nos encontros, cria-se a possibilidade de troca emocional com ressonâncias em todos os participantes, inclusive em nós psicanalistas. Momentos de desorganização, confusão e incertezas são frequentes – e indispensáveis – para ocorrer uma transformação nos participantes deste campo (Franco Filho, 1994; Bion, 1965).

O novo seriam os relatos trazidos pelas educadoras e adolescentes que nos impactam e, muitas vezes, nos paralisam, criando impasses no campo. Nossas crenças e valores são abalados e somos colocados diante de realidades que tentamos não ver. Até que ponto estamos disponíveis para revisar nossos valores pessoais e mesmo preconceitos e viver transformações internas?

Se não, vejamos: numa reunião com assessoras e educadores, uma colega, apresentando um relato de nosso trabalho, referiu-se ao mesmo como sendo realizado com educadores oriundos de escolas de educação infantil implantadas em *comunidades de alta vulnerabilidade*. Na oportunidade de comentar, a educadora discordou da denominação de *alta vulnerabilidade*, dizendo que as educadoras trabalhavam nas comunidades delas, no meio delas. Tratar estas comunidades como *altamente vulneráveis* seria o mesmo que negar que também nós, os psicanalistas, vivemos em área de vulnerabilidade, às vezes até mais alta.

A cidade delas é também a nossa. O fato de trabalharmos em consultórios fechados em condomínios profissionais guarnecidos e ilusoriamente livres da violência e da pobreza denuncia nossa recusa de entrarmos em contato com a realidade, que é igual para todos. Em nossa cidade, quando não somos surpreendidos

em nossas próprias casas por assaltantes, basta dobrarmos a esquina ou pararmos em uma sinaleira para sermos gravemente feridos ou mortos.

A partir de nossa experiência e decorrentes preocupações, percebemos a pertinência da criação e manutenção de fóruns de discussão mais abrangente sobre como a psicanálise poderá intervir em situações sociais com tais realidades, especialmente frente às crianças e adolescentes vítimas sociais do desamparo. Quando escolhemos como tema do simpósio os impasses da contemporaneidade, é como se nos referíssemos a um tempo estranho a nós, um tempo em que acontecem fatos que escapam dos conceitos e métodos de lidar, com os quais estávamos acostumados em nossa prática clínica. E tudo isto nos surpreende, como se o mundo tivesse mudado!

Ora, falar do contemporâneo é falar do nosso tempo, este em que vivemos. Ao concluir esta frase, já se foi aquele tempo porque novos fatos ocorreram e transformaram a realidade. Portanto, o *tempo em que vivemos* é uma ficção. É um movimento que se trata como se devesse ser estático! Falarmos de impasses do contemporâneo é, em última análise, sermos redundantes, excedendo-nos em palavras. Contemporâneo é impasse e impasse é contemporâneo. Nós buscamos soluções clássicas para problemas contemporâneos. Soluções velhas para problemas novos. Jamais as alcançaremos. Podemos nos aproximar e, para conseguirmos, não podemos parar. Precisamos, como Sísifo, carregar a pedra incessantemente, até o fim; nossa morte. □

Abstract

Impacts that generate impasses in face of psychosocial vulnerability

This article draws upon the myth of Sisyphus to illustrate the work that a group of psychoanalysts of the Psychoanalytic Society of Porto Alegre has been undertaking since 2006 with the City Education Department of Porto Alegre (SMED) and, from 2013 on, with Pescar Project/POA. It presents a contextualization and a report of both experiences through vignettes. This work, outside the offices, often raises feelings of restlessness and powerlessness, demanding us to leave the position of knowing to assume that of feeling the helplessness in face of extreme violence. Could the banalization of violence impair our listening? Primo Levi (1988) and Boris Cyrulnik (2009), who have survived concentration camps, teach us the importance of the word to give a possible meaning to what is meaningless, highlighting the possibility of changing a person's intimate feeling by recounting his/her experiences. In adolescent groups, in the family meetings of Pescar Project

and in conversations with SMED educators and assistants, we have tried to create a transitional space that favors the creation of possible metaphors to broaden the ability of subjects to tackle their impasses (Botbol, 2013).

Keywords: helplessness, violence, impasse.

Resumen

Impactos que generan impasse frente a la vulnerabilidad psicossocial

En este artículo, se utiliza el mito de Sísifo para ilustrar el trabajo que realiza un grupo de psicoanalistas de la SPPA desde 2006 en alianza con la Secretaría Municipal de Educación de la Alcaldía Municipal de Porto Alegre (SMED) y, a partir de 2013, con el Proyecto Pescar, también de Porto Alegre. Se presenta una contextualización y el relato de ambas experiencias por medio de viñetas. Se señala que este trabajo, fuera de los consultorios, despierta muchas inquietudes y sentimientos de impotencia, obligándonos a salir de la posición del saber para experimentar la de sentir el desamparo frente a la extrema violencia. ¿La banalización de la violencia tendería a perjudicar nuestra escucha? Primo Levi (1988) y Boris Cyrulnik (2009), que sobrevivieron a los campos de concentración, nos enseñan la importancia de la palabra para dar un sentido posible al sin sentido. Ellos resaltan la posibilidad de cambiar el sentimiento íntimo de una persona a partir del relato de sus experiencias. En los grupos de adolescentes, en los encuentros con las familias del Proyecto Pescar y en las ruedas de conversación con educadores y asesores de la SMED, intentamos crear un espacio transicional que favorezca la creación de metáforas posibles que amplíen la capacidad de los sujetos de dar cuenta de sus impasses (Botbol, 2013).

Palabras clave: desamparo, violencia, situación límite.

Referências

- Azevedo, A. L. (Dir.) (2010). *Antes que o mundo acabe*. [Filme]. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre.
- Bion, W. (1965). *As transformações: a mudança do aprender para o crescer*. Rio de Janeiro: Imago 1991.
- Botbol, M. (2013). Psicopatologia da violência de adolescentes difíceis: no âmago de situações

iniciadas precocemente. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 15(1): 23-37.

Camus, A. (2010). *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

Cyrulnik, B. (2009). *Autobiografia de um espantalho. Histórias de resiliência: o retorno à vida*. São Paulo: Martins Fontes.

Dolto, F. (2015). *A imagem inconsciente do corpo* [Trad. Noemi Moritz e Marise Levy]. São Paulo: Perspectiva.

Franco Filho, O. M. (1994). Mudança psíquica do analista: da neutralidade à transformação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 28 (2), 309-327.

Google Imagens (2016). *O mito do Sísifo*. [Blog Ricardo André]. Recuperado de <http://www.ricardoandre.com.br/2016/07/14/o-mito-de-sisifo/>

Levi, P. (1988). *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco.

Maciel, L. C. (1959). Samuel Becket e a solidão humana. *Cadernos do Rio Grande*, 9. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro.

Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.

Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 11/01/2017

Aceito em 30/05/2017

Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

Alice Becker Lewkowicz

Rua Luciana de Abreu, 267/405

90570-060 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: aliceblew@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA